

NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO
Traduzidos por Mara Gonzalez Bezerra¹ e Andréa Cesco²

207

<p style="text-align: center;">VII ÚLTIMO BEIJO DE AMOR</p>	<p style="text-align: center;">VII ÚLTIMO BESO DE AMOR</p>
<p style="text-align: center;">Well Juliet! I shall lie with thee to night! <i>Romeu e Julieta. Shakespeare.</i></p> <p>A noite ia alta: a orgia findara. Os convivas dormiam repletos, nas trevas.</p> <p>Uma luz raiou súbito pelas físgas da porta. A porta abriu-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era pálida; e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava macilenta nas faces dela e lhe dava um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma beleza típica, uma dessas imagens que fazem descorar de volúpia nos sonhos de mancebo. Mas agora com sua tez lívida, seus olhos acesos, seus lábios roxos, suas mãos de mármore, e a roupagem escura e gotejante da chuva, disséreis antes — o anjo perdido da loucura.</p> <p>A mulher curvou-se: com a lanterna na mão procurava uma por uma entre essas faces dormidas um rosto conhecido.</p> <p>Quando a luz bateu em Arnold, ajoelhou-se. Quis dar-lhe um beijo, alongou os lábios... Mas uma idéia a susteve. Ergueu-se. Quando chegou a Johann, que dormia, um riso embranqueceu-lhe os beiços, o olhar tornou-se-lhe sombrio.</p> <p>Abaixou-se junto dele, depôs a lâmpada no chão. O lume baço da lanterna dando nas roupas dela espalhava sombra sobre Johann. A frente da mulher pendeu e sua mão passou na garganta dele. Um soluço rouco e sufocado ofegou daí. A desconhecida levantou-se. Tremia; e ao segurar na lanterna ressoou-lhe na mão um ferro... Era um punhal... Atirou-o ao chão. Viu que tinha as mãos vermelhas, enxugou-as nos longos cabelos de Johann...</p> <p>Voltou a Arnold; sacudiu-o. — Acorda e levanta-te! — Que me queres? — Olha-me... não me conheces? — Tu! e não é um sonho? És tu! oh! deixa</p>	<p style="text-align: center;">Well Juliet! I shall lie with thee to night! <i>Romeo y Julieta. Shakespeare.</i></p> <p>La noche iba alta: La orgía había terminado. Los convivas dormían repletos, en las tinieblas.</p> <p>Una luz rayó súbita por las rendijas de la puerta. La puerta se abrió. Entró una mujer vestida de negro. Era pálida; y la luz de una linterna, que traía erguida en la mano, se derramaba macilenta en su tez y le daba un brillo singular a los ojos. Quizá un día fuera una belleza típica, una de esas imágenes que hacen descolorar de voluptuosidad en los sueños de mancebo. Pero ahora con su tez lívida, sus ojos encendidos, sus labios morados, sus manos de mármol, y el ropaje oscuro y goteante de la lluvia, antes lo hubieseis dicho dirías —el ángel perdido de la locura.</p> <p>La mujer se curvó: con la linterna en la mano procuraba una por una entre esas faces dormidas un rostro conocido.</p> <p>Cuando la luz golpeó a Arnold, se arrodilló. Quiso darle un beso, estiró los labios... pero una idea la detuvo. Se irguió. Cuando llegó hasta Johann, que dormía, una risa le emblanqueció los bezos, la mirada se le hizo sombría.</p> <p>Se abajó junto a él, depuso la lámpara en el suelo. La lumbre mate de la linterna dándole en sus ropas desparramaba sombra sobre Johann. La frente de la mujer pendió y su mano pasó en la garganta de él. Un sollozo ronco y sofocado jadeó de ahí. La desconocida se levantó. Temblaba; y al sostener la linterna le resonó en la mano un hierro... era un puñal... lo echó al suelo. Vio que tenía las manos rojas, las secó en los cabellos largos de Johann...</p> <p>Volvió hasta Arnold; lo sacudió. — ¡Despierta y levántate! — ¿Qué me quieres? — Mírame... ¿no me conoces? — ¡Tú! ¿y no es un sueño? ¡Eres tú! ¡Oh!</p>

que eu te aperte ainda! Cinco anos sem verte! E como mudaste!

— Sim, já não sou bela como há cinco anos! É verdade, meu loiro amante! É que a flor de beleza é como todas as flores. Alentadas ao orvalho da virgindade, ao vento da pureza, e serão belas... Revolvei-as no lodo... e, como os frutos que caem, mergulham nas águas do mar, cobrem-se de um invólucro impuro e salobro! Otrora era Giorgia — a virgem, mas hoje é Giorgia — a prostituta!

— Meu Deus! Meu Deus!

E o moço sumiu a frente nas mãos.

— Não me amaldiçoas, não!

— Oh! deixa que me lembre: estes cinco anos que passaram foram um sonho. Aquele homem do bilhar, o duelo à queima-roupa, meu acordar num hospital, essa vida devassa onde me lançou a desesperação, isto é um sonho? Oh! lembremo-nos do passado! Quando o inverno escurece o céu, cerremos os olhos; pobres andorinhas moribundas, lembremo-nos da primavera!...

— Tuas palavras me doem... É um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te: na terra nosso leito seria impuro, o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta! Satã riria de nos. É no céu, quando o túmulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã de amor...

— Oh! ver-te e para deixar-te ainda uma vez! E não pensaste, Giorgia, que me fora melhor ter morrido devorado pelos cães na rua deserta, onde me levantaram cheio de sangue? Que fora-te melhor assassinar-me no dormir do ébrio, do que apontar-me a estrela errante da ventura e apagar-me a do céu? Não pensaste que, após cinco anos, cinco anos de febre e de insônias, de esperar e desesperar, de vida por ti, de saudades e agonia, fora o inferno ver-te para te deixar?

— Compaixão, Arnold! É preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra: nas minhas lembranças há uma nódoa torpe... Hoje! é o leito venal... Amanhã!... só espero no leito do túmulo! Arnold! Arnold!

¡deja que yo te apriete todavía! ¡Cinco años sin verte! Y ¡cómo cambiaste!

— Sí, ¡Ya no soy bella como cinco años atrás! ¡Es verdad, mi rubio amante! Es que la flor de la belleza es como todas las flores. Alentadas al rocío de la virginidad, al viento de la pureza, y serán bellas... Revuélvelas en el fango... y, ¡como los frutos que caen, zambullen en las aguas del mar, se cubren de un envoltorio impuro y salobre! Otrora era Giorgia – la virgen, pero hoy es Giorgia – ¡la prostituta!

—¡Dios mío! ¡Dios mío!

Y el muchacho escondió la frente en las manos.

—¡No me maldigas, no!

—¡Oh! deja que me acuerde: estos cinco años que pasaron fueron un sueño. Aquél hombre del billar, el duelo a quemarropa, mi despertar en un hospital, esa vida libertina donde la desesperación me lanzó, ¿esto es un sueño? ¡Oh! ¡Acordémonos del pasado! Cuando el invierno oscurece el cielo, cerremos los ojos; pobres golondrinas moribundas, ¡acordémonos de la primavera!...

—Tus palabras me duelen... Es un adiós, es un beso de adiós y separación que vengo a pedirte: en la tierra nuestro lecho sería impuro, el mundo manchó nuestros cuerpos. ¡El amor del libertino y de la prostituta! Satán se reiría de nosotros. Es en el cielo, cuando el túmulo nos lave en su baño, que se levantará nuestra mañana de amor...

—¡Oh! ¡Verte para dejarte una vez más! ¿Y no pensaste, Giorgia, que me hubiera sido mejor morir devorado por los perros en la calle desierta, donde me levantaron bañado en sangre? ¿Qué te hubiera sido mejor asesinarme en el dormir de ebrio, que apuntarme la estrella errante de la ventura y borrarla del cielo? ¿No pensaste que después de cinco años, cinco años de fiebre y de insomnio, de esperar y desesperar, de vida por ti, de añoranza y agonía, sería el infierno verte para dejarte?

—¡Compasión, Arnold! Es necesario que ese adiós sea largo como la vida. Ves, mi destino es negro: en mis recuerdos hay una mancha torpe... ¡Hoy! es el lecho venal... ¡Mañana!... ¡solo espero en el lecho del túmulo! Arnold! Arnold!

— Não me chames Arnold! chama-me Artur, como dantes. Artur! não ouves? Chama-me assim! Há tanto tempo que não ouço me chamarem por esse nome!... Eu era um louco! quis afogar meus pensamentos e vaguei pelas cidades e pelas montanhas deixando em toda a parte lágrimas... nas cavernas solitárias, nos campos silenciosos, e nas mesas molhadas de vinho! Vem, Giorgia! senta-te aqui, senta-te nos meus joelhos, bem conchegada a meu coração... tua cabeça no meu ombro! Vem! um beijo! quero sentir ainda uma vez o perfume que respirava outrora nos teus lábios. Respire-o eu e morra depois!... Cinco anos! oh! tanto tempo a esperar-te, a desejar uma hora no teu seio!... Depois... escuta... tenho tanto a dizer-te! tantas lágrimas a derramar no teu colo! Vem! e dir-te-ei toda a minha história! minhas ilusões de amante e as noites malditas da crápula e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios das vendidas que me beijavam! Vem! contar-te-ei tudo isto, dir-te-ei como profanei minh'alma e meu passado... e choraremos juntos... e nossas lágrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas do lodo!

— Obrigada, Artur! obrigada!

A mulher sufocava-se nas lágrimas, e o mancebo murmurava entre beijos palavras de amor.

— Escuta, Artur, eu vinha só dizer-te adeus! da borda do meu túmulo; e depois contente fecharia eu mesma a porta dele... Artur, eu vou morrer!

Ambos choravam.

— Agora vê, continuou ela. Acompanha-me: vêes aquele homem?

Arnold tomou a lanterna.

— Johann! morto! sangue de Deus! quem o matou?

— Giorgia! Era ele um infame. Foi ele quem deixou por morto um mancebo a quem esbofeteara numa casa de jogo. Giorgia — a prostituta! vingou nele Giorgia — a virgem! Esse homem foi quem a desonrou! desonrou-a, a ela que era sua... irmã!

— Horror! horror!

E o moço virou a cara e cobriu-a com as mãos.

— ¡No me lames Arnold! llámame Artur, como antes. ¡Artur! ¿no escuchas? ¡Llámame así! ¡Hace tanto tiempo que no escucho que me llamen por ese nombre!... ¡Yo era un loco! quise ahogar mis pensamientos y vagué por las ciudades y por las montañas dejando en toda parte lágrimas... ¡en las cavernas solitarias, en los campos silenciosos, y en las mesas mojadas de vino! ¡Ven, Giorgia! Siéntate aquí, siéntate en mis rodillas, bien arrullada a mi corazón... ¡tu cabeza en mi hombro! ¡Ven! ¡Un beso! Quiero sentir una vez más el perfume que respiraba otrora en tus labios. Que yo lo respire y me muera después... ¡Cinco años! ¡Oh! Tanto tiempo para esperarte, ¡deseando una hora en tu seno!... después... ¡escucha...! ¡Tengo tanto para decirte! ¡Tantas lágrimas para derramar en tu regazo! ¡Ven! ¡Y te diré toda mi historia! ¡Mis ilusiones de amante y las noches malditas de la crápula y el tedio que me inspiraban aquellos bezos fríos de las vendidas que me besaban! ¡Ven! Te contaré todo esto, te diré como profané mi alma y mí pasado... y lloraremos juntos... y nuestras lágrimas nos lavarán como la lluvia lava las hojas del lodo.

— ¡Gracias, Artur! ¡Gracias!

La mujer se ahogaba en lágrimas, y el mancebo murmuraba entre besos palabras de amor.

— Escucha, Artur, ¡yo solo venía para decirte adiós! del borde de mi túmulo; y después contenta cerraría yo misma su puerta...

Artur, ¡voy a morirme!

Ambos lloraban.

— Ahora ve, continuó ella. Acompáñame: ¿ves a aquel hombre?

Arnold agarró la linterna.

— ¡Johann! ¡muerto! ¡por Dios! ¿quién lo mató?

— ¡Giorgia! Él era un infame. Él fue quien dejó como muerto un mancebo que abofeteó en una casa de juego. Giorgia — ¡la prostituta! Vengó en él a Giorgia — ¡la virgen! ¡Ese hombre fue quien la deshonoró! la deshonoró, a ella que era su... hermana!

— ¡Terrible! ¡Terrible!

Y el muchacho volteó la cara y la cubrió con las manos.

<p>A mulher ajoelhou-se a seus pés.</p> <p>— E agora adeus! adeus que morro! Não vêes que fico lívida, que meus olhos se empanam e tremo... e desfaleço?</p> <p>— Não! eu não partirei. Se eu vivesse amanhã haveria uma lembrança horrível em meu passado...</p> <p>— E não tens medo? Olha! é a morte que vem! é a vida que crepúscula em minha frente. Não vêes esse arrepio entre minhas sobrancelhas?...</p> <p>— E que me importa o sonho da morte? Meu porvir amanhã seria terrível: e à cabeça apodrecida do cadáver não ressoam lembranças; seus lábios gruda-os a morte; a campa é silenciosa. Morrerei!</p> <p>A mulher recuava... recuava. O moço tomou-a nos braços, pregou os lábios nos dela... Ela deu um grito e caiu-lhe das mãos. Era horrível de se ver. O moço tomou o punhal, fechou os olhos, apertou-o no peito, e caiu sobre ela. Dois gemidos sufocaram-se no estrondo do baque de um corpo...</p> <p>A lâmpada apagou-se.</p>	<p>La mujer se arrodilló a sus pies.</p> <p>— ¡Y ahora adiós! ¡Adiós que me muero! ¿No ves que me quedo lívida, que mis ojos se empañan y tiemblo... y me desmayo?</p> <p>— ¡No! Yo no partiré. Si yo viviera mañana tendría un recuerdo horrible en mi pasado...</p> <p>— ¿Y no tienes miedo? ¡Mira! ¡Es la muerte que viene! Es la vida que crepusculea en mi frente. ¿No ves ese escalofrío entre mis cejas?...</p> <p>— ¿Y qué me importa el sueño de la muerte? Mi porvenir mañana será terrible: y en la cabeza podrida del cadáver no resuenan recuerdos; sus labios se pegan a la muerte; la tumba es silenciosa. ¡Moriré!</p> <p>La mujer retrocedía... retrocedía. El muchacho la tomó en los brazos, clavó los labios en los suyos... Ella gritó y se le cayó de las manos. Era horrible de verse. El muchacho agarró el puñal, cerró los ojos, lo apretó en el pecho y cayó sobre ella. Dos gemidos se sofocaron en el estruendo del batacazo de un cuerpo...</p> <p>La lámpara se apagó.</p>
--	---

REFERÊNCIA: AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. “VII Último beijo de amor”, in *Noite na Taverna*. MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2025>. Acesso em 28 novembro 2014.

¹ Lattes Mara Gonzalez Bezerra. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0696362088302744>. Acesso: jan. 2015.

² Lattes Andréa Cesco. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6339643703057257>. Acesso: jan. 2015.